A volatilidade dos preços dos combustíveis tornou-se um dos fenómenos económicos mais marcantes da última década, refletindo a profunda interdependência entre mercados energéticos, dinâmicas geopolíticas e políticas ambientais. O aumento significativo do preço do petróleo e do gás natural não representa apenas um problema económico pontual; constitui um desafio sistémico que afeta cadeias logísticas globais, segurança energética, competitividade empresarial e qualidade de vida das populações. Num mundo globalizado, onde energia e desenvolvimento económico caminham lado a lado, compreender as causas e implicações da crise dos combustíveis tornou-se essencial para governos, empresas e cidadãos.

Como sublinha a International Energy Agency (2025), a energia permanece o "sangue invisível da economia global", sustentando praticamente todas as atividades produtivas modernas. Sempre que o preço da energia sobe de forma abrupta, as repercussões são amplas e profundas, atingindo desde a indústria pesada até aos sistemas de transporte, à agricultura e aos serviços de saúde. A crise energética contemporânea demonstra, assim, que a estabilidade dos mercados energéticos constitui um elemento central da estabilidade económica mundial.

Historicamente, as crises energéticas estão frequentemente associadas a eventos geopolíticos. O embargo petrolífero de 1973, a Guerra do Golfo em 1991 e a crise energética de 2008 demonstraram que a energia é simultaneamente um recurso económico estratégico e um instrumento de poder político. No contexto atual, tensões internacionais, conflitos regionais e disputas por recursos naturais continuam a influenciar os preços globais do petróleo e do gás natural.

De acordo com Baffes e Nagle (2025), economistas do Banco Mundial, o preço do petróleo permanece altamente sensível a eventos geopolíticos e a decisões estratégicas de grandes produtores. A Organização dos Países Exportadores de Petróleo e aliados (OPEP+) desempenha um papel determinante na regulação da oferta mundial, sendo as suas decisões capazes de provocar variações significativas nos mercados energéticos internacionais.

Por outro lado, as transformações no sistema energético global também contribuem para a volatilidade dos preços. A transição para energias renováveis, necessária para combater as alterações climáticas e reduzir emissões de carbono, está a alterar profundamente a estrutura dos mercados energéticos. Embora esta transição seja essencial para a

sustentabilidade ambiental, ela cria um período de instabilidade no qual coexistem sistemas energéticos tradicionais e novos modelos baseados em energias limpas.

Segundo Sovacool (2025), especialista em política energética, as transições energéticas são historicamente processos longos e complexos, podendo durar várias décadas. Durante esse período, é comum surgirem tensões entre oferta e procura, investimentos insuficientes em infraestruturas energéticas e incertezas regulatórias, fatores que contribuem para flutuações nos preços dos combustíveis.

Além disto, a crescente eletrificação das economias e a expansão da mobilidade elétrica estão a alterar padrões de consumo energético em diversas regiões do mundo. No entanto, como destacam Cherp, Vinichenko e Jewell (2025), a dependência global de combustíveis fósseis permanece elevada, especialmente em setores como a aviação, o transporte marítimo e a indústria pesada. Esta dependência estrutural significa que qualquer perturbação no mercado de petróleo ou gás tem repercussões imediatas em toda a economia mundial.

A crise dos combustíveis está também profundamente ligada ao funcionamento das cadeias de abastecimento globais. O transporte marítimo, responsável por cerca de 80% do comércio internacional, depende fortemente de combustíveis fósseis. Quando os preços da energia aumentam, os custos logísticos disparam, provocando efeitos em cascata no preço dos bens de consumo.

Segundo Notteboom e Pallis (2025), especialistas em economia marítima, o aumento dos custos energéticos tem impacto direto no preço do transporte internacional, influenciando a inflação global e a competitividade das economias exportadoras. Este fenómeno tornou-se particularmente evidente após as perturbações recentes nas cadeias logísticas globais.

Do ponto de vista social, a subida do preço dos combustíveis tem consequências significativas na vida quotidiana das populações. O aumento do custo do transporte afeta diretamente o preço dos alimentos, da eletricidade e de diversos bens essenciais. Em muitos países, esta realidade tem gerado protestos sociais e intensos debates políticos sobre políticas energéticas e justiça económica.

Como refere Piketty (2025), as crises energéticas tendem a agravar desigualdades económicas, uma vez que os custos energéticos representam uma proporção maior do

rendimento das famílias de baixos rendimentos. Assim, políticas públicas que promovam eficiência energética, proteção social e acesso equitativo à energia tornam-se essenciais para mitigar os impactos destas crises.

Contudo, a crise dos combustíveis também pode ser interpretada como uma oportunidade estratégica para acelerar a inovação tecnológica e a transformação dos sistemas energéticos. O aumento dos preços dos combustíveis fósseis tende a tornar as energias renováveis mais competitivas, incentivando investimentos em energia solar, eólica, hidrogénio verde e sistemas de armazenamento energético.

De acordo com a International Renewable Energy Agency (2025), a expansão das energias limpas poderá reduzir significativamente a vulnerabilidade das economias às flutuações do preço do petróleo e do gás. Países que investem em fontes renováveis diversificam as suas matrizes energéticas e fortalecem a sua segurança energética.

Esta transformação energética está também a gerar novas oportunidades de empreendedorismo e inovação tecnológica. Startups tecnológicas, empresas de mobilidade elétrica e projetos de armazenamento de energia estão a emergir como protagonistas de um novo ecossistema económico baseado na sustentabilidade energética.

Segundo Porter e Kramer (2025), o conceito de valor partilhado demonstra que empresas que integram sustentabilidade nas suas estratégias podem simultaneamente gerar valor económico e impacto social positivo. No contexto energético, isto significa que a inovação verde pode ser não apenas uma resposta ambiental, mas também uma estratégia empresarial competitiva.

Como acrescentam Sovacool e Geels (2026), a transição energética está também a impulsionar um novo ecossistema global de empreendedorismo tecnológico, no qual startups e empresas inovadoras desenvolvem soluções para mobilidade elétrica, redes inteligentes e armazenamento energético, contribuindo para transformar profundamente os sistemas energéticos contemporâneos.

A digitalização dos sistemas energéticos constitui outro elemento crucial neste processo de transformação. Tecnologias como inteligência artificial, redes inteligentes (*smart grids*) e análise avançada de dados estão a permitir uma gestão mais eficiente da produção e do consumo de energia.

Como observa Topol (2025), a integração entre tecnologia digital e sistemas energéticos poderá revolucionar a forma como a energia é produzida, distribuída e consumida. Plataformas digitais permitem prever padrões de consumo, otimizar redes elétricas e reduzir desperdícios energéticos, contribuindo para maior estabilidade dos mercados.

No contexto europeu, a crise energética tem levado a União Europeia a reforçar políticas de autonomia energética e diversificação de fornecedores. Programas estratégicos como o REPowerEU procuram reduzir a dependência de combustíveis fósseis importados e acelerar a transição para energias renováveis.

De acordo com a Comissão Europeia (2025), a segurança energética tornou-se uma prioridade estratégica para o futuro da Europa. Investimentos em energias renováveis, eficiência energética e infraestruturas energéticas resilientes são considerados fundamentais para garantir estabilidade económica e sustentabilidade ambiental.

Portugal, embora relativamente pequeno em dimensão energética, tem assumido um papel relevante na transição energética europeia. O país tem investido fortemente em energias renováveis, especialmente energia eólica, solar e hídrica. Este posicionamento estratégico poderá reduzir a vulnerabilidade da economia portuguesa às flutuações do preço dos combustíveis fósseis.

Segundo Carvalho e Ferreira (2025), investigadores em políticas energéticas portuguesas, a aposta em energias renováveis não apenas fortalece a segurança energética nacional, como também cria oportunidades de desenvolvimento económico, inovação tecnológica e criação de emprego qualificado.

Contudo, a transição energética exige uma gestão estratégica cuidadosa. A substituição rápida de combustíveis fósseis sem garantir estabilidade energética pode provocar choques económicos e sociais. Por isso, muitos especialistas defendem uma abordagem gradual e equilibrada.

Como argumenta Helm (2025), economista especializado em energia, uma transição energética bem-sucedida deve combinar investimento em energias renováveis, inovação tecnológica e políticas públicas eficazes que assegurem estabilidade de preços e acesso universal à energia.

Este desafio está diretamente relacionado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, particularmente o ODS 7 — Energia Acessível e Limpa, que procura garantir acesso universal à energia sustentável, fiável e moderna.

Em síntese, a crise no preço dos combustíveis não pode ser compreendida apenas como uma flutuação temporária do mercado. Trata-se de um fenómeno complexo que reflete transformações profundas no sistema energético global, nas relações geopolíticas e nas estratégias económicas das nações.

Se, por um lado, esta crise evidencia fragilidades estruturais das economias dependentes de combustíveis fósseis, por outro lado, revela também oportunidades históricas para inovação, sustentabilidade e transformação dos modelos energéticos.

Num mundo onde energia significa desenvolvimento económico, estabilidade social e competitividade internacional, a verdadeira solução para a crise dos combustíveis não reside apenas no controlo dos preços, mas na construção de sistemas energéticos mais resilientes, diversificados e sustentáveis, capazes de equilibrar segurança energética, inovação tecnológica e transição ecológica.

Referências Bibliográficas

Baffes, J., & Nagle, P. (2025). *Commodity markets outlook: Energy price dynamics and global economic impacts*. World Bank.

Carvalho, P., & Ferreira, J. (2025). Energy transition policies in Southern Europe: Opportunities and challenges for Portugal. *Energy Policy*, 190, 113012.

Cherp, A., Vinichenko, V., & Jewell, J. (2025). The geopolitics of energy transition. *Nature Energy*, 10(1), 12–21.

European Commission. (2025). *REPowerEU: Securing Europe's energy future*. Brussels: European Commission.

Helm, D. (2025). *The carbon crisis and the future of energy policy*. Oxford University Press.

International Energy Agency. (2025). *World energy outlook 2025*. Paris: IEA.

International Renewable Energy Agency. (2025). *Renewable energy statistics 2025*. Abu

Dhabi: IRENA.

Notteboom, T., & Pallis, T. (2025). Maritime transport and global logistics in times of energy volatility. *Maritime Economics & Logistics*, 27(2), 135–149.

Piketty, T. (2025). Energy inequality and the political economy of climate transition. *Journal of Economic Perspectives*, 39(1), 45–64.

Porter, M. E., & Kramer, M. (2025). Creating shared value in the energy transition. *Harvard Business Review*, 103(2), 62–75.

Sovacool, B. (2025). Energy transitions and global sustainability challenges. *Energy Research & Social Science*, 110, 103476.

Sovacool, B., & Geels, F. (2026). Innovation, entrepreneurship and the global energy transition. *Energy Policy*, 198, 114233.

Topol, E. (2025). Digital transformation and the future of energy systems. *Nature Digital Medicine*, 8(1), 45–53.